



**"Todos que moram aqui
querem uma vida melhor"**

PAMELA GONÇALVES,
MORADORA

Riacho Doce exige direito a moradia

Os moradores ainda vivem em abrigos e sofrem com a demora de soluções definitivas

Rodrigo Neves

A tragédia no Riacho Doce já ocorreu há mais de um mês. No total, 21 famílias ainda estão desabrigadas e cerca de 300 pessoas se encontram em área de risco. Mesmo assim, a subprefeitura Butantã ainda não apresentou uma solução.

Nesta edição, o NSJR oferece voz aos moradores da comunidade para se expressarem sobre o dilema da moradia.

Segundo Maria Auxiliadora a comunidade deveria "insistir com as autoridades para dar moradia, mesmo que provisória, para os cidadãos afetados pela enchente de fevereiro".

Já para Rafael Freire e Rodrigo Ferreira, a solução deveria ser permanente. Os dois moradores do Riacho Doce dizem que a prefeitura deveria parar de fazer pouco caso e que a solução ideal seria oferecer moradias pelo CDHU, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano. Izaura Ventura, desabrigada após a enchente, concorda: "ninguém aqui quer albergue, aqui ninguém é cachorro, aqui não tem mendigo".

Vários moradores também concordam que as autoridades deveriam prestar mais atenção nos problemas habitacionais. Segundo Poliana dos Santos Silva, "a coordenadoria da USP empura-



JOÃO PAULO FREIRE

Casas destruídas pela enchente: famílias ainda estão em abrigos

ra [a solução do problema] para a prefeitura, a prefeitura empurra pra USP", no fim a comunidade continua "sem repostas", diz.

Pamela Gonçalves, de 17 anos, é direta: "todos que moram aqui

querem uma vida melhor". "eles estão esperando o pior acontecer", acrescenta Dona Izaura, que exigiu a presença de autoridades como o Prefeito Gilberto Kassab (DEM-SP) na comunidade.

OPINIÃO

Do compromisso social

Sofia Soares

Chuvas intensas e contínuas causam o transbordamento de rios, gerando enchentes.

Quando isso acontece em regiões naturais, a própria natureza reabsorve a água. Porém, quando ocorre em áreas urbanizadas, resulta em inundações.

Suas conseqüências não aparecem apenas na hora, a exem-

plô da derrubada de casas, mas também depois, com as doenças trazidas pela água.

Portanto, é necessária a realização de planos preventivos contra essas catástrofes. A prefeitura deve ter a responsabilidade de assumir a frente desses problemas.

Entretanto, ano após ano, presenciamos a repetição deles, como se não fosse possível prevê-los e preveni-los.

Um passo importante é intensificar os planos de auxílio-moradia, para garantir a seguran-

ça daqueles que habitam áreas de risco. A coleta de lixo também deve ser fortalecida, não só para evitar bueiros entupidos, mas também para evitar a proliferação de doenças.

Diversas obras, como a construção de diques, barragens, valas ou tanques de contenção, se feitas, reduzem notavelmente o efeito das inundações.

Ainda podemos citar a revitalização de rios como uma das medidas a serem tomadas. Não faltam soluções, faltam solucionadores. Está faltando compro-

metimento dos órgãos governamentais e da própria sociedade.

Porém, não podemos acusá-los como os únicos culpados. Nós também precisamos ter o compromisso social de lembrá-los de que foram eleitos para defender os interesses da sociedade como um todo.

Cabe a nós cobrar as providências e as medidas que eles devem tomar.

Se for para construir uma sociedade melhor, o compromisso social deve vir de todos aqueles que a integram.